

Mocidade Cristã

Ano XVIII

Abril a Junho de 1956

Número 71

Uma Aduvertência

Ouvimos freqüentemente em nossas viagens as palavras: «Não temos recebido MOCIDADE CRISTÃ há muito tempo». Indagando, descobrimos que o pacote de jornais chega regularmente, mas o distribuidor não guarda em casa uma lista dos nomes dos recebedores, nem escreve seus nomes nos exemplares, como tantas vezes temos pedido. Ele coloca o pacote na mesa e «qualquer pessoa» pode tirar um jornal. É como um padeiro que tem encomenda para suprir 30 pães. Quando prontos, ele coloca todos no balcão e qualquer freguês pode servir-se de um. Quando mais tarde, os que encomendaram os pães viessem, descobririam que «não há mais» (coitados!).

Sugerimos aos leitores que sofrem assim, que cada um nos escreva, pedindo um exemplar para ser enviado individualmente, ou que combine com outro moço que não recebe seu jornal, e peça-nos enviar dois exemplares no mesmo pacote. Naturalmente um pedido assim não pode ser atendido se o escritor não incluir seu endereço postal na carta.

Nossas Hinos

(Continuação)

Noite de Paz

O hino «Noite de Paz» é tão popular no Brasil como o é em muitos outros países e queremos contar a história de sua origem. Na véspera

do dia de Natal do ano de 1818, o padre Mohr da aldeia de Oberndorf, na província austríaca de Salzburg, escreveu as palavras enquanto passeava durante uma tarde muito calma, que sugeriu os pensamentos. Ele então procurou um professor chamado Francisco Gruber que compusesse música para elas. Quando foi composta, o hino foi ensaiado por um grupo de cantores da aldeia, na véspera, e cantado na velha igreja de S. Nicolau, para celebrar o Natal, acompanhado pela guitarra de Gruber. Aconteceu que, durante o ensaio, um homem concertava o grande órgão da igreja e aprendeu o hino. Quando voltou à casa, ele ensinou a música e as palavras à família e, entre esta, estava uma menina que pertencia a uma família de crianças conhecidas pelas suas vozes bonitas. Elas costumavam acompanhar seu pai quando ele visitava as feiras no sul da Alemanha. Quando, no ano seguinte, foram com seu pai, elas cantaram «Noite de Paz» e suas vozes atraíram muita gente para ouvi-las. Aconteceu que o maestro de música da rainha de Saxônia ouviu o hino. Arranjou um cântico para cantá-lo perante a rainha. Assim, em pouco tempo ficou popular na Alemanha, e depois em outros países.

Em 1899 a velha igreja de S. Nicolau foi destruída por uma enchente do rio, mas depois foi construída no mesmo lugar, uma capela em memória do padre Mohr e Francisco Gruber.

Desde a última guerra os comunistas dominam a aldeia mas o povo prefere cantar «Noite de Paz» e não o hino comunista «Internacional».

Os cantares de Salomão

Alguns crentes têm dificuldade em entender o livro «Os Cantares de Salomão». Infelizmente a versão de Almeida não indica bem a divisão nas palestras entre o espôso e a espôsa. A versão Brasileira é melhor, mas as explicações são insuficientes para o fácil entendimento da história.

Em seguida damos uma tradução do prefácio deste livro na «Pilgrim Edition» da Bíblia, publicada em 1948, que explica a história.

«Neste livro Deus pôs Seu sêlo de aprovação no amor humano puro, e repreende o impuro. Os judeus entenderam isto e chamaram o livro «O Santo dos Santos». Homens e mulheres piedosos têm mostrado muito prazer em traçar o amor de Cristo nas palavras de Salomão e responderam ao amor do Senhor, empregando as belas palavras amáveis da Sulamita.

Salomão possuía uma vinha em Baal-Amon, ao norte do Líbano, que alugou a uns lavradores (8:11,12). Uma destas famílias era composta de alguns varões e u'a irmã; evidentemente os pais já tinham morrido. Salomão visitou o lugar, vestido de pastor, viu a irmã e foi atraído por sua formosura, embora queimada pelo sol, pois seus irmãos obrigavam-na a trabalhar na vinha. A atenção do estranho agradou-lhe, pois ela pensava que êle era um dos pastores do rei, não sonhando que era o rei mesmo. Assim amaram-se um ao outro. Um dia Salomão precisou ir a Jerusalém, mas antes de partir, prometeu voltar e casar-se com ela.

A Sulamita ficou admirada, quando descobriu que seu espôso era o grande Rei Salomão! Ela estava feliz com êle, mas muitas vezes estra-

nhou o palácio e sua grandeza e tinha saudades de seu querido Líbano (7:11-13). Às vezes ela sonhou com seu velho lar e, para agradar-lhe, Salomão voltou com ela para visitar seus irmãos. Chegando lá, ela caçou com êles porque, em tempos passados, êles receavam que nunca poderiam arranjar um bom casamento para ela (8:8-9). Ela pediu a Salomão conceder-lhe uma porção generosa dos frutos da fazenda para seus irmãos (8:12).

Assim Salomão tornou-se um tipo de Cristo, a Sulamita (forma feminina de «Salomão») um tipo da Igreja. Cristo veio como humilde pastor para nos ganhar e deu Sua vida por nós. Já foi ao Céu, mas prometeu voltar e levar-nos ao Seu Lar.

Estudos Sobre a Primeira Epístola aos Coríntios

continuação

Capítulo 5

No capítulo 5 o Apóstolo censura a atitude de indiferença dos Coríntios no caso dum irmão culpado de grave imoralidade. Toma a oportunidade para instruir a Igreja como devia proceder no caso. A assembleia inteira foi mandada reunir-se e excomungar o iníquo no nome do Senhor Jesus, entregando-o a Satanás.

Nesta instrução devemos notar que o Apóstolo não fez apêlo ou referência aos anciãos ou qualquer irmão em eminência, mas todos foram considerados responsáveis. O nome do Senhor Jesus é invocado, pois Ele é o Cabeça da Igreja.

É provável que os anciãos tratem dos detalhes apresentando o caso à Igreja, mas eles não tinham o direito de excomungar o iníquo. Foi ato da Igreja.

O Apóstolo emprega a figura do Velho Testamento do fermento, que representa o mal que contamina, espalhando-se até que tudo esteja levedado.

Outra instrução: aos crentes foi proibido ter qualquer relação social com o homem excomungado. O versículo 11 contém uma lista de seis classes de pessoas que se chamam «irmão», cujas vidas não estão de acordo com a profissão de cristão. As duas mais difíceis para julgar são avarentos e maldizentes, e são os mais comuns.

O maldizente é a pessoa que costuma falar contra outras falsamente, ou constantemente exagera as faltas de outros. Às vezes é necessário falar mal duma pessoa, como por exemplo, o Apóstolo fala muito mal do iníquo mencionado neste capítulo. O versículo diz que não devemos comer com qualquer pessoa dessas classes. Num país, como o Brasil, tão notável pela hospitalidade, não é fácil sempre observar esta regra. A disciplina tem em vista a restauração. Sabemos que o homem por ser disciplinado neste capítulo foi restaurado (2 Cor. 2). Mostrar simpatia pelo excomungado, tratando-o como irmão, não lhe ajuda em sua restauração, é o irmão que toma a atitude de «inocente-injuriado» e mostra ressentimento aos irmãos que não o tratam como outrora. É sinal certo de que não está arrependido.

O Apóstolo João em sua segunda carta deu instrução semelhante aos crentes em relação à heresia. Eles foram proibidos de ter qualquer intimidade eclesiástica ou social com um herege.

Eis

A palavra grega «EIS» evidentemente não tem equivalente exato em português. No Novo Testamento é traduzida por diversas palavras, e algumas delas não rendem bem o verdadeiro sentido. Esta preposição grega «EIS» contém a idéia de direção ou objetivo, e é melhor expressada em português (como é em algumas passagens) pelas palavras «a», «para» ou «para com». Infelizmente, às vezes, no Novo Testamento, é traduzida pela preposição portuguesa «em», e nestes casos quase sempre dá uma idéia errada, da qual damos exemplos. A preposição portuguesa «em» é uma tradução da palavra grega «EN». Chamamos atenção a este assunto, porque doutrina importante depende do bom entendimento dêle. Em seguida damos alguns exemplos: —

Mat. 18:20 diz: «onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou no meio dêles». Neste versículo há duas preposições gregas «EIS» e «EN» traduzidas pela mesma palavra portuguesa «em». Na frase «em meu nome» a palavra «em» é «EIS» no grego, mas seria melhor traduzido «ao» meu nome, porque o objetivo da reunião é o de encontrar o Senhor, procurando Sua presença para oração, adoração ou para a lembrança da Sua morte na Santa Ceia. Ele prometeu estar no («EN» grego) meio dêles. Quando pregamos o Evangelho, dizemos que o serviço é em Seu nome, o objetivo sendo a benção dos ouvintes. Há assim uma diferença entre reunir *em* Seu nome e *ao* Seu nome.

Em Coríntios 12:13 encontramos outro exemplo das duas preposições gregas «EIS» e «EN». Lemos do batismo do Espírito Santo, e o versículo diz: Todos nós fomos batizados

em um Espírito, formando um corpo. Os tradutores neste caso evidentemente não podiam traduzir «EIS» por uma preposição equivalente em português e por isso, usaram o verbo «formando» para dar o sentido melhor, pois o objetivo desse batismo feito no («EN» grego) Espírito Santo é para introduzir os crentes no Corpo de Cristo (A IGREJA).

Em 1 Coríntios 10:2 encontram-se outra vez as duas preposições gregas juntas. Lemos: «Todos foram batizados em Moisés na nuvem e no mar». Aqui também a palavra «em» (Moisés), sendo «EIS» no original, seria melhor «a» Moisés, porque o objetivo deste batismo foi para iniciar os Israelitas à dominação e à direção de Moisés. As preposições «na» (nuvem) e «no» (mar) são uma tradução do grego «EN».

Romanos 6:3 diz: «Fomos batizados em Cristo . . . na Sua morte», mas a preposição «em» em cada caso é uma tradução do grego «EIS», significando que fomos batizados «A» Jesus Cristo e «À» Sua morte. O objetivo do nosso batismo em água era para sermos identificados com o Senhor à Sua morte. Assim o batismo dos Israelitas a Moisés era um tipo de nosso batismo ao Senhor.

Gálatas 3:27 diz: «fostes batizados em Cristo». A palavra «em» é no original «EIS» e seria melhor traduzida «A Cristo», Ele sendo o objetivo do nosso batismo.

Em Mat. 3:11 João Batista disse que batizava em água (traduzida em Almeida «com água», mas a palavra grega é «EN») mas Cristo batizaria no (grego EN) Espírito Santo como é explicado em 1 Coríntio 12:13 onde a palavra «EN» é traduzida «em».

Conselho a um Jovem Irmão

As vezes o Superintendente da Es-

cola Dominical pede ao irmão encerrar o serviço com oração. Nosso conselho é que será bem limitar sua oração a UM minuto porque é necessário apenas pedir a Deus uma bênção sobre o trabalho já terminado, e isto não deve ocupar mais do que 60 segundos. Sendo costume em Sua Escola pedir uma bênção sobre os aniversariantes, mais trinta segundos é suficiente para isto. Não é necessário durante sua oração, como fazem alguns professores, dar um resumo da lição que acabaram de estudar, porque é capaz de ocupar muito tempo. Tantos os alunos como os professores preferem uma oração de poucas palavras.

Desejamos também, avisar ao irmão contra o costume feio que alguns moços adotam, isto é o de enfiar as mãos nas algibeiras enquanto dirigem a oração. Seria considerado uma falta de respeito e educação se um moço fizesse assim em conversa com uma pessoa de distinção. Certamente mostra uma falta de reverência quando fala a Deus publicamente.

Correspondência

Pergunta 1. Qual a diferença entre «O REINO DE DEUS» e «O REINO DOS CÉUS?»

Resposta. Somente o Evangelho de Mateus apresenta o «Reino dos Céus», mas menciona quatro vezes o «Reino de Deus». Os outros três Evangelhos falam do Reino de Deus. Este aspecto é invisível, espiritual e perfeito. Mat. 6:33 e Romanos 13:17 referem-se à vida espiritual, em contraste com as coisas materiais. As parábolas no capítulo 13 de Mateus e 25:1-13 falam do Reino dos céus como Visível, inclusive da profissão externa e junto com a fé real. Segundo Atos o Evangelho é incluído no Reino de Deus.

Pergunta 2. Será que a palavra «batismo» é empregada no Novo Testamento sem referência a um rito?

Resposta. Sim, é usada em 1 Cor. 10:2, por exemplo, figurativamente, quando diz que os Israelitas foram batizados em (deve ser «a») Moisés na nuvem e no mar. Também em 1 Cor. 12:13 é empregada no sentido de «iniciar». Usamos a palavra assim hoje, quando dizemos: «os soldados receberam seu batismo do fogo» que quer dizer: os soldados tomaram parte em sua primeira batalha, sendo assim iniciados na arte de guerra». Outro lugar é Lucas 16:24. No original a palavra traduzida «molhe» tem a mesma base como «batismo». Nas versões inglesas «molhe» é traduzida «dip» que quer dizer «mergulhar».

Pergunta 3. Os espíritas batizam no nome da Trindade. Será que tal batismo é válido?

Resposta. Ao nosso ver, não pode ser. Em outra página explicamos que o cristão é batizado AO Senhor Jesus, no nome do Pai, Filho e Espírito Santo. Os espíritas batizam ao demonismo. Uma pessoa convertida do espiritismo deve purificar-se da imundícia dêste culto impuro. Os irmãos devem dizer-lhe, como Ananias falou a Saulo de Tarso! «Por que te detens? Levanta-te e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor». Mesmo como Saulo «lavou fora» simbolicamente seus pecados nas águas do batismo, assim o espírita convertido deve purificar-se da imundícia do espiritismo.

Esta pergunta faz-nos lembrar dum ocasião quando acompanhamos um certo pastor a uma Casa de Oração na roça para uma pregação. Depois, êle batizou várias criancinhas que foram trazidas pelas mães. O pastor não fez qualquer indagação acerca dos pais, e descobrimos depois

que alguns eram espíritas. Com certeza um batizador tem alguma responsabilidade, e deve ter confiança que às crianças será ensinada o Evangelho e serão criadas na «admoestação do Senhor». O batizador de crentes tem responsabilidade de obter evidência da fé e do testemunho da vida passada dos candidatos. O batizador de crianças deve ter razão para confiança nos pais no futuro. Por exemplo: deve batizar o filho dum casal que já criou muito mal os primeiros seis filhos? Certamente o pastor que batizou os filhos de Espíritas cometeu um pecado grave (Romanos 14:23). O fato que uma criança seja batizada por aspersão tem pouca importância, porque o rito no caso duma criancinha não pode simbolizar a morte, sepultamento e ressurreição com Cristo, que são somente apreciados pela fé.

Os leitores que possuem o Dicionário Enciclopédico chamado «Lello» em 4 volumes podem ler o artigo escrito por um católico romano (pois o ensino é romanista) sobre o batismo. Diz: «a princípio batizava-se mergulhando na água. Outrora o batismo não era conferido senão em idade avançada.»

Pergunta 4. Deve um crente pagar o dizimo?

Resposta. Era obrigatório debaixo da Lei de Moisés. O crente está livre da Lei, e debaixo da Graça, mas a graça é mais exigente do que a Lei. Se o irmão acha que o pagamento de seu dizimo parece demais como legalidade, pode evitar tal aparência, pagando uma quinta parte de sua renda ao Senhor.

Podemos considerar o dizimo sob outro aspecto. Antes da Lei, Abraão pagou o dizimo ao Rei e Sumo Sacerdote Melquisedec, que é tipo do Senhor Jesus Cristo, nosso Rei e Sumo Sacerdote (Hebreus 7:4-10). Abraão é um exemplo de fé e fidelidade, aos fiéis (crentes) de hoje.

Uma Explicação

A questão do modo do batismo ainda interessa aos jovens leitores. Lemos num tratatado escrito há vinte anos, que o receio de melindrar os outros tem produzido uma falta de ensino sobre o batismo. O resultado dêste silêncio prolongado é agora um interesse anormal, mas esperamos que seja passageiro. Não queremos «melindrar os outros» embora pensamos que é pena que «os outros» não querem ouvir todos os lados, e depois de considerar bem o assunto em todos seus aspectos, então formar um juízo justo. Sugerimos aos nossos prezados leitores aspersionistas que não querem ouvir nada contra suas idéias fixas, que pulem esta página. Sentimos que é nosso dever tratar dum assunto que interessa a mocidade num jornal chamado «Mocidade Cristã». Agradecemos as palavras de apreciação dos jovens leitores, mas desejamos oferecer-lhes certo conselho neste assunto. Há irmãos mais velhos que têm ensinado toda a vida que aspersão era modo bíblico, ou que a Bíblia ensina duas maneiras de praticar o rito. Se fosse, porém, uma questão em dúvida ou de duas maneiras bíblicas, não escreveríamos mais no assunto. O fato é que não há a menor dúvida que imersão era praticada na igreja primitiva. Todas as autoridades no assunto sem exceção, isto é, os peritos nas línguas mortas, em história eclesialística, e conhecimento das condições na Palestina, sejam católicos, gregos, presbiterianos, metodistas, anglicanos, ou luteranos, desde os dias de Lutero e Calvino (incluindo estes reformadores) concordam. O século passado, porém, era mormente o século de pesquisas e descobrimentos acerca da Bíblia e da história da Igreja. Todos confirmam o fato,

e não há um sequer contra, que saibamos. Não contamos alguns professores de seminários teológicos como «autoridades», embora vamos citar a opinião dum destes eruditos professores.

Nosso conselho aos jovens leitores é que não façam do assunto uma questão de contenda em sua igreja. Não é de importância fundamental e devemos mostrar tolerância com irmãos de outra opinião. Certamente não devemos fazer do assunto questão de comunhão. Seria melhor não discutir o assunto com qualquer crente que não deseje ouvir o outro lado. Temos escrito um tratado «O Modo Bíblico do Batismo» e fornecemos um exemplar de graça a qualquer leitor que promete não usá-lo para propaganda ou contenda, mas somente para sua própria instrução. Há mais e mais irmãos usando imersão, e enquanto há divergência de prática, haverá uma tendência à contenda, mas os irmãos devem evitar tal resultado todo quanto possível.

No Noticiário do último número do jornal, pedimos qualquer leitor nos fornecer com provas que aspersão era empregada na igreja primitiva ou que imersão não era o costume. Até agora não temos recebido nenhuma prova. Recebemos um bom número de perguntas importantes acerca de casos no Novo Testamento, mas nosso espaço neste número dá apenas por uma resposta, da pergunta de mais importância. Mas podemos citar o tratado dum «reverendo» que era também professor ou diretor dum colégio evangélico, e ainda faz propaganda contra imersão. Eis aqui a opinião dêste erudito pastor:

«A imersão é de origem pagã, anti-higiênica, indecente, absurda e anti-escriturística». Quando o redator de «Mocidade Cristã» era pequeno pen-

sava o mesmo como o erudito professor, que imersão era um costume absurdo. Mas as «autoridades» (naqueles dias eram seus pais) julgavam que uma prolongada abstinência de imersão era «indecente e anti-higiênica». O resultado era que quando o Sábado chegou o pequeno descobriu que uma imersão semanal não era facultativa, mas obrigatória. Mais tarde, porém, ficou gostando de imersão, especialmente no mar, e achou que era decente e higiênico. Por estas razões não podemos concordar com o «reverendo» aspersionista em não gostar de imersão em água. Mas respondemos agora a uma pergunta recebida depois de escrever nossa «Explicação». Achamos que é uma pergunta importante em relação ao nosso assunto.

PERGUNTA 4. Como foram batizados as quase três mil almas no dia de Pentecostes? (Atos 2:41).

RESPOSTA. Convém dividir esta resposta em duas partes (1) o modo (2) o tempo ocupado. Quanto à primeira parte, o redator e os crentes no Brasil dependem da informação derivada de autoridades, isto é, peritos nas línguas mortas, da história eclesiástica e dos costumes na Palestina no primeiro século e condições em Jerusalém. As obras que tratam destes assuntos não têm sido traduzidas na língua portuguesa. Por isto não damos nossa própria opinião mas citamos do melhor comentário bíblico moderno e traduzimos as palavras sobre Atos 2:41 escritas pelo «reverendíssimo» Dr. E. H. Plumptre. Ele diz: —

«A grandeza do número de pessoas batizadas tem sido dada como razão para provar que o batismo foi administrado por afusão e não por imersão. De outro lado, imersão fôra

claramente praticada por João Batista, e isto é entendido pela significação da palavra original. Não foi provável que o rito seria modificado no comêço. O sentido simbólico do ato exigiu imersão a fim de ser claramente manifestado. Romanos 6:4 parece quase a exigir como necessidade o modo completo (imersão). Os tanques de Betesda, Siloé, ou a Fonte da Virgem, perto do Templo, ou os lugares de banho na Torre de Antônia, teriam ajudado a facilitar o processo».

Agora vamos citar ainda maior autoridade. Um dos mais eruditos teólogos do século passado era Dean Stanley. Viajara na Palestina, era historiador, e escreveu a história da Igreja, era professor da história eclesiástica na Universidade de Oxford e era capelão da Rainha Vitória. Ele escreveu: —

«Durante os primeiros 13 séculos era quase a prática universal de batizar pela maneira ensinada no Novo Testamento, no sentido da palavra «batizar» e os que eram batizados eram submergidos na água. O batismo por aspersão era rejeitado pela inteira igreja antiga e não considerado como batismo, excetuando casos raros de pessoas no leito da morte, ou de necessidade extrema.»

Ambos estes teólogos eruditos praticavam aspersão e é bem possível nunca tiveram experiência do batismo por imersão. O redator, porém, pode responder à segunda parte da pergunta melhor do que eles, porque tem experiência de imersão e oferece a seguinte opinião: —

A pregação do Apóstolo Pedro aconteceu bem de manhã. No intervalo, antes dos batismos, houve sete ou oito horas para interrogar e ins-

truir os novos crentes no Senhor Jesus Cristo, chamar outros cem discípulos do Cenáculo e organizar o povo em 112 grupos. Os discípulos já foram ensinados pelo Senhor como deviam organizar cinco e sete mil pessoas em fileiras quando alimentaram a multidão duas vezes no deserto. Assim teriam, também, distribuído os grupos e os batizadores para aproveitarem os diversos tanques mencionados por Dr. Plumptre, e mandariam os candidatos seguir um atrás de outro em filas. O batismo de três mil pessoas nestas condições não ocuparia mais do que dez minutos.

PERGUNTA 5. Recebemos uma pergunta acêrca da autoria da Epístola aos Hebreus.

RESPOSTA. Respondemos a esta pergunta em número 29 de «Mocidade Cristã», mas dez anos têm passado desde aquêlo tempo, e agora repetimos nossa resposta. E' considerada a obra do Apóstolo Paulo. Nos meados do século passado Dean Farrar escreveu contra êste parecer e em círculos modernistas há diversas opiniões contra a autoria de S. Paulo. Um dêstes ouvimos de um jovem pastor metodista diplomado em seu seminário. Êle deu sua sábia opinião com muita confiança, a um grupo de irmãos: que a epístola aos Hebreus foi escrita por duas mulheres chamadas Áquila e Priscila!

As razões dadas contra a autoria do Apóstolo Paulo são fracas. E' muito mais provável que cristãos do segundo século tivessem melhor idéia. Clemente, escrevendo cêrca do ano 190 A. D., diz que a Epístola foi escrita pelo Apóstolo Paulo, mas escrita na língua hebráica e traduzida por Lucas na língua grega, que é a base das nossas traduções. O fato que um grego como Lucas traduziu a epístola, explicaria por que o estilo é

diferente das outras cartas do Apóstolo Paulo, e Clemente disse que o nome do escritor não foi mencionado porque os judeus tinham suspeito dêle. Sabemos também que êle era o apóstolo dos gentios.

Origenes, escrevendo entre 245 e 253 A. D. diz que era opinião geral que Paulo escreveu a epístola. Mais tarde alguns rejeitaram essa idéia. A nosso ver o único homem capaz de escrever uma obra tão maravilhosa era o Apóstolo Paulo. Sabemos que foi escrita no primeiro século.

O Amado

Maria Luiza de Araújo

Não sou capaz de imaginar
O gôso que hei de conhecer
Ao ir com Cristo me encontrar
E Seu amado rosto ver:

Não há ninguém no lindo céu
Que como Tu me atraí, Senhor.
Que mais desejo ver sem véu
Senão Teu rosto, ó Salvador?

Não é o côro, em doce luz,
Dos anjos, que mais quero ouvir
Mas Tua voz, ó meu Jesus,
Eternamente — no porvir...

Não é o Lar ou o gôso ali
Por que suspiro mais, Jesus
Mas sim, ó Salvador, por Ti
Que me salvaste pela Cruz.

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editôra Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferrel de Andrade